



PECUÁRIA

Leite não deve reduzir patamar de preços, avalia Sindilat

Diego Nuñez
diegon@jornaldocomercio.com.br

O novo vilão da inflação continuará não deixando barato para as famílias brasileiras. Nos últimos meses, o leite alcançou patamares de preços nunca antes vistos e passou a ser um item de peso na cesta básica. Hoje, com pouco produto disponível, o setor deve recuperar estoques a partir de novembro, principalmente pelas safras de Minas Gerais e Goiás. O rebalanceamento de oferta, porém, não será suficiente para reduzir o valor no varejo.

“Eu entendo que o patamar (do preço do leite) é outro. Se efetivamente nós voltássemos ao patamar de 2021, seria bastante preocupante (para o setor). Temos que ter esse cuidado, apesar de saber que ao consumidor é importante ter uma questão de preços acessíveis. Sabemos efetivamente que o leite de caixinha, o leite em pó, o queijo mozzarella ou lanche são produtos de consumo de massa e no momento que aumenta o consumidor tem que fazer algumas escolhas”, afirma Darlan Palharini, secretário-executivo do Sindicato da Indústria de Laticínios do Rio Grande do Sul (Sindilat).

Segundo ele, o aumento observado representa perdas sofridas pelo setor ao longo de 2020 e 2021 com o aumento acentuado dos custos de produção na cadeia leiteira. Outro fator que compensou para a alta observada durante o ano foi a impossibilidade de complementar o estoque interno com importação de matéria prima da Argentina e do Uruguai.

“O ano de 2021 foi muito difícil para indústria e produtores. Em 2020, durante a pandemia, foi de total incerteza. Na época, o setor leiteiro e de derivados foi um dos únicos que não repassou. O ano de 2022 iniciou de maneira ruim, inclusive com o abandono de algumas prioridades de leite. A situação foi agravada também pela estiagem. Em outros anos, o período



Com a reposição de estoque da produção de Minas Gerais e Goiás, a partir de novembro, deve haver uma estabilização nos valores cobrados



Sindilat mostra preocupação com subprodutos no setor, diz Palharini

de entressafra foi abafado pela disponibilidade de leite em pó da Argentina e do Uruguai. Esse ano, empresas como as de chocolate foram buscar e não tinha produto disponível por causa da estiagem. Então, o setor teve que repassar preços”, explica Palharini.

O que pode ocorrer a partir de novembro, com a reposição de estoque da produção de Mi-

nas Gerais e Goiás, é haver uma estabilização. Isso significa que, mesmo não ficando mais barato, o leite ao menos não deve ficar ainda mais caro.

“O mercado deve passar por uma acomodação. Em novembro começa a safra de Minas Gerais e Goiás, que responde por 60% da produção nacional. O setor de leite ainda consegue ter um aumento de oferta muito

mais rápido do que outros setores”, prevê o secretário executivo da entidade.

Com a disparada nos preços, começaram a surgir no varejo diversos produtos alternativos que pretendiam substituir o leite na cesta básica da população, principalmente com alvos nas classes de baixa renda. São produtos à base de soro, um subproduto da fabricação de queijo, que leva embalagens muito parecidas com as de itens que levam leite em sua composição. A questão preocupa o Sindilat.

“Existe espaço no mercado para todos. São nichos. Mas nossa indústria tem uma responsabilidade muito grande de manter as famílias e pensar nas crianças. Nós defendemos que se tenha uma norma específica para esses produtos. O consumidor não pode ser enganado. Ele tem que saber o que, de fato, tem no produto. Queijo que não é de vaca não pode ser queijo. Leite a mesma coisa. Se

é um suco, um preparo, uma mistura, precisa ter o nome correto para esses produtos para que o consumidor tenha clareza no que está consumindo”, afirma o vice-presidente do sindicato, Alexandre Guerra.

Mesmo com baixa oferta interna, o setor busca alternativas de exportação para equilibrar as contas das famílias produtoras. Diferentemente de setores agro, como os de grão e proteína animal, o segmento de leite não movimenta grandes volumes de venda externa. O foco nesta área é em produtos que tenham qualidade, com valor agregado e que não está preso à commodity.

“Estamos como um país ainda de balança importadora. Mas, ao mesmo tempo, sempre buscamos mercado externo pois há outros países com necessidade de serem importadores. Trabalhamos em cima disso. O Brasil exporta para mais de 50 países, mas em volumes menores”, aponta.

TÂNIA MEINERZ/JC

TÂNIA MEINERZ/JC